

APRESENTAÇÃO

Esta edição da *Feminismos* traz o Volume 3, Números 2 e 3 de 2015, cujos artigos reforçam o caráter interdisciplinar que caracteriza a revista, ao abordarem sob diferentes prismas questões relativas ao empoderamento feminino, à produção de uma epistemologia feminista, mas também percepções acerca do feminino, do corpo e do exercício da sexualidade em suas variadas expressões.

Na seção de artigos são apresentados quatro trabalhos: no primeiro deles, sob o título *'Agora eu posso': empoderamento de operárias da construção civil na perspectiva da autonomia econômica*, as autoras Maria Celeste Landerdahl, Stela Maris de Mello Padoin e Wilza Vieira Villela tomam a história oral de oito mulheres pobres e de baixa escolaridade, residentes em um município do interior do Rio Grande do Sul, como instrumento para analisar o discurso de empoderamento centrado no consumo e demonstrarem que a atividade laboral exercida na construção civil fortalece sua autoestima e lhes confere autonomia econômica, permitindo-lhes viver como desejam, mas, isoladamente, não consegue estabelecer transformações efetivas nas relações de gênero.

No artigo seguinte, de autoria de Felipe Salvador Weissheimer, intitulado *A sexualidade moderna e o 'imperativo fálico': algumas reflexões sobre a emergência do 'gozo genitalizado'*, o autor analisa os desdobramentos no campo da sexualidade a partir da emergência das teorias e métodos terapêuticos formulados por Freud e Reich para instigar no/a leitor/a reflexões sobre os modos de subjetivação sexual, os diferentes conflitos em torno da construção da sexualidade normativa e de identidades sexuais, mas também sobre como os sujeitos, ao transgredirem os pressupostos religiosos, também se insurgem com a sexualidade normativa que os constituiu, engendram novos discursos e ensaiam novas experiências individuais, pondo em cheque os fundamentos e concepções científicas tanto da psicanálise como da sexologia.

Darlane Andrade, em *Para abaixo da Linha do Equador: o standpoint e as produções feministas acadêmicas do terceiro mundo*, recorre à epistemologia feminista perspectivista, isto é, o conhecimento situado ou standpoint para criticar a ciência tradicional, com viés marcadamente positivista e androcêntrico e, ao mesmo tempo, defender a importância do conceito de gênero na consolidação do feminismo como ciência e, por conseguinte, a construção de um conhecimento situado e responsável, isto é, em que o argumento defendido pelo cientista parte de um ponto de vista que deve ser mencionado e reconhecido. Para reforçar o seu “ponto de vista”, a autora percorre as produções feministas do terceiro mundo e salienta a importância de conferir visibilidade às mesmas, inclusive a produção feminista no contexto nordestino brasileiro, de modo a demonstrar o quanto o feminismo é plural.

Já João Davi Avelar Pires esquadrinha as *Visões sobre o feminino e o corpo na Idade Média*, resgatando o período inquisitorial para fundamentar a discussão em torno da obra *Malleus Maleficarum*, escrita em 1484, cujo conteúdo misógino se respalda em didáticos cristãos como São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, na interpretação das Escrituras e em autores clássicos, de modo a evidenciar como a imagem da bruxa será erigida, resultando nos séculos XV e XVI num genocídio contra aquelas mulheres que eram acusadas de bruxaria, por contrariarem os padrões religiosos e morais da sociedade europeia ocidental e, assim, assegurarem o poder da Igreja nas esferas cultural, econômica e política.

A entrevista deste número é intitulada *Uma conversa franca com MH/Sam Bourcier sobre Correntes Feministas e Queer na Contemporaneidade* que foi realizada no dia 24 de julho de 2014, nas dependências do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) por Ana Alice Costa, Cecília Sardenberg, Márcia Macedo e Felipe Fernandes, entre a série de atividades acadêmicas e conferências

ministradas durante sua estadia na Bahia. MH/Sam Bourcier é sociólogo, professor da Universidade de Lille III, reconhecido pelo seu ativismo e elucubrações acerca da teoria queer, difundidas através de vários livros e artigos em que discute gênero, sexualidades, a pornografia e pós-pornografia, subculturas sexuais, feminismos e políticas identitárias entre outros temas.

Em *Artes de Mulher*, Clarice Pinheiro nos apresenta o universo da pintora Tânia Pires por meio do registro fotográfico de sua obra, bem como de um relato vivo de seu encontro com a artista e seus quadros. Tânia entende arte como um ato de liberdade criativa e também como um fazer lúdico – “Pintar é um divertimento!” – relata como a pintura tem sido fundamental na recriação de sua própria trajetória como mulher, sempre marcada por desafios e práticas de cuidado. Na imagem escolhida para a nossa capa, um dos temas preferidos de Tânia, as baianas, tão presentes em sua pintura e aqui, nessa *Oferenda*. Aproveitamos também, para agradecer mais uma vez a Tânia pelo empréstimo da sua, e já tão nossa, *Iansã* que ilustra cartazes e chamadas do nosso PPGNEIM desde 2008.

Nosso dossiê, neste número organizado por Márcia Santana Tavares e Teresa Kleba Lisboa, traz seis artigos que refletem sobre *Feminismos e produção do conhecimento em serviço social*. Sabe-se que o Serviço Social, ainda que se configure como uma profissão exercida por e para mulheres, tem se revelado reticente quanto à incorporação das teorias feministas e estudos de gênero como aporte teórico-metodológico no processo de formação e no exercício profissional, sob o argumento de que os pressupostos da teoria marxiana respondem plenamente às demandas trazidas pelos sujeitos (KLEBA, 2010) e, deste modo, ao centrar o olhar na condição de classe, desconsidera outros fulcros analíticos que incidem na trajetória de vida dos sujeitos, a exemplo da questão de gênero, étnico-racial, geracional entre outras. Em tom provocativo, os artigos nos confrontam com interpretações que buscam suscitar reflexões entre as/os leitoras/es. Para tanto, tomam como tema o aborto e o Projeto Lei N.º 5.069, de 2013 para questionarem a autonomia e liberdade dos corpos femininos; denunciam como a centralidade

na família produz uma armadilha de gênero que enreda as beneficiárias dos programas de transferência de renda; realizam um levantamento da produção de conhecimento sobre gênero no Serviço Social; revelam o que a cegueira ideológica nos impede de ver no tocante à importância de incorporar uma perspectiva de gênero e feminista no trato das demandas sociais; abordam a simbiose capitalismo-patriarcado, como são constituídas as relações de gênero na sociedade capitalista e de que maneira repercutem nas práticas das/os Assistentes Sociais e, finalmente, reconstituem as memórias de mulheres negras acerca da sua trajetória profissional, as difíceis experiências e processos discriminatórios enfrentados ao longo do processo de formação profissional.

Nestes dois números compilados, ampliamos o número de resenhas que são geralmente publicadas. Com essa deliberação apresentamos quatro obras. A primeira, *Corpos em projeção: gênero e sexualidade no cinema latino-americano* (2013), é uma coletânea organizada por Maurício de Bragança e Marina Cavalcanti Tedesco que versa sobre o audiovisual e as questões de gênero e sexualidade, resenhada por Dalila Carla Santos. A segunda, *Transnational Desires: Brazilian Erotic Dancers in New York* (2012) é um livro de Suzana Maia, resultado de sua etnografia sobre dançarinas eróticas brasileiras em Nova Iorque, portanto, articula o campo conceitual em torno da migração do gênero e da sexualidade e foi resenhada por Léa Menezes de Santana. O terceiro livro, *Transexualidades: um olhar multidisciplinar* (2014), resenhado por Dafne Marcelle de Almeida Ramos Campos, é uma coletânea organizada por Maria Thereza Coelho e Liliana Lopes, de artigos de várias áreas do conhecimento, logo, interdisciplinar, que abordam as transexualidades em suas reflexões teóricas, bem como no papel legal e assistencial das diferentes profissões na abordagem dessa temática. Por fim, Daniel Moura resenha o livro *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer* (2015), de Leandro Colling, em que são analisadas, problematizadas e comparadas as tensões entre o ativismo queer e o movimento LGBT na América Latina e na Europa.

Finalmente, cabe compartilhar com nossas/os leitoras/es que a Revista vem passando por uma reestruturação, de modo a imprimir maior dinamicidade e regularidade à publicação quadrimestral, envolvendo desde a ampliação de nosso corpo editorial, que agora conta com Josimara Delgado, Mara Kubík e Maise Zucco, até o seu ingresso no Portal de Periódicos da UFBA, possibilitando a otimização do processo de construção e gestão da revista eletrônica. Registramos também a solicitação de desligamento de Felipe Fernandes a partir da próxima edição do corpo editorial da Revista,

ao mesmo tempo em que agradecemos o seu empenho, disponibilidade e dedicação à Revista, que ganhou outros tons com sua colaboração, desejando-lhe sucesso nos projetos futuros. Agora, resta-nos convidá-las/os a navegarem em nossa página, conhecerem a mais recente edição da Feminismos e enviarem seus textos para as próximas edições.

Saudações feministas,

Ângela Freire, Cecilia Sardenberg, Clarice Pinheiro, Felipe Fernandes, Josimara Delgado, Maíra Kubík, Maise Zucco e Márcia Tavares.